



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP
GRADUAÇÃO EM GESTÃO DO AGRONEGÓCIO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM AGRONEGÓCIO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO:

INSERÇÃO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO EM CADEIAS GLOBAIS DE
VALOR

DIAMANTINO GATTO

Orientadora: Professora Doutora Susan E. M. Cesar de Oliveira

PLANALTINA - DF

2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA - FUP

DIAMANTINO GATTO

Relatório Final de Estágio
Supervisionado obrigatório do curso de
Gestão do Agronegócio da Faculdade
UnB Planaltina para obtenção do
diploma de graduação.

APROVADO POR:

Susan E. M. Cesar de Oliveira, Dra.

Orientadora

PLANALTINA-DF

Novembro de 2014

Resumo

O presente trabalho analisa a inserção do agronegócio brasileiro em cadeias globais de valor. Partindo de uma perspectiva teórico-conceitual, tem como objetivo discutir a aplicabilidade da abordagem de cadeias globais de valor para explicar a organização de sistemas agroindustriais em face ao atual processo de globalização econômica. A pesquisa visa a apontar quais são as semelhanças entre o conceito de cadeia global de valor e as principais escolas ou modelos teóricos tradicionais que compõem o conceito de agronegócio e que vem sendo utilizado para a descrição e análise de cadeias agroindustriais. Discute ainda o panorama do comércio exterior do agronegócio brasileiro e a inserção de setores agroindustriais em cadeias globais de valor, analisando dados estatísticos tradicionais de comércio internacional do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e estatísticas de comércio em valor agregado da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Palavras-chaves: cadeia global de valor, agronegócio, comércio exterior

Índice de gráficos

Gráfico 1: Participação comparada de países em CGV, 2009	18
Gráfico 2: Participação comparada em CGVs por indústria, 2009	19
Gráfico 3: Valor agregado nacional e estrangeiro na demanda final por produtos, 2009	19
Gráfico 4: Parcelas de exportação por indústria, valor bruto e agregado	20
Gráfico 5: Participação nas exportações, por países, valor bruto e agregado, 2009	20

SUMÁRIO

1. Introdução	6
1.1 Objetivo geral	7
1.2 Objetivos específicos	7
1.3 Metodologia	7
2. Revisão de literatura	8
2.1 Commodity system approach	9
2.2 Filière	10
2.3 Sistemas agroindustriais	10
2.4 Cadeias globais de valor	11
2.5 Competitividade e cadeias globais de valor	14
3. Análise do comércio exterior do agronegócio brasileiro e sua inserção em cadeias globais de valor	15
3.1 Panorama do comércio exterior do agronegócio brasileiro	16
3.2 Inserção do Brasil em cadeias globais de valor	17
4. Conclusões	20
5. Bibliografia	23

1. Introdução

Este trabalho relata a experiência de estágio realizado no âmbito de um projeto de pesquisa intitulado “Internacionalização e competitividade do agronegócio brasileiro no século XXI: acesso a mercados e inserção em cadeias globais de valor”, coordenado pela professora Susan E. Martins Cesar de Oliveira, na Universidade de Brasília, Campus Planaltina. Ao longo do segundo semestre de 2014, foram desenvolvidas atividades de pesquisa bibliográfica e análise de dados que objetivavam descrever o modelo teórico-analítico de cadeias globais de valor e discutir sua aplicação para a compreensão dos movimentos de internacionalização do agronegócio em um contexto de globalização econômica.

Esta pesquisa destaca o processo de globalização econômica e seus efeitos diretos nas formas de se produzir e comercializar produtos, criando novas dinâmicas de indústria e mercado. Faz uso do conceito de cadeia global de valor como tentativa de explicação de uma estrutura de mercado emergente característica das últimas décadas, período em que houve uma intensificação do processo de globalização. A principal marca deste modelo seria a fragmentação das diversas etapas produtivas, ou de agregação de valor a um bem, que antes estavam concentradas internamente em uma firma. Hoje, há ainda uma dispersão das diversas fases (i.e. pesquisa e desenvolvimento, manufatura, distribuição, marketing, serviços de pós-venda) ao redor do globo.

O modelo de cadeias globais de valor tem um alcance de explicação da realidade maior quando seu escopo ou objeto são produtos manufaturados, que necessitem passar por diversas etapas de agregação de valor. A eficiência de cadeias globais de valor vem através de diferentes estágios de agregação de valor em diferentes países e quanto, em porcentagem, cada estágio da produção ou cada estágio de oferecimento do serviço representa da agregação de valor, ou seja, o lucro para os envolvidos.

É claro que as cadeias globais de valor tem como premissa a especialização produtiva dos países. Qualidade esta, que remete às teorias liberalizantes do comércio, estudos econômicos de Adam Smith e David Ricardo e às vantagens comparativas dos diversos países a serem aproveitadas pelas empresas que internacionalizam etapas da produção.

É nítido também considerar que por ser este um trabalho de distinção de conceitos, porém escrito de modo interdisciplinar, vemos que, por ser uma estrutura de

mercado que tem um nível maior de competitividade em países com economias mais liberalizantes, percebemos que a inserção em cadeias globais de valor dos países, é favorecida sobretudo, pelas características da oferta das indústrias e como se estrutura as relações de comércio dos países e suas potencialidades de mercado. Essas situações hoje são reflexos de medidas políticas e econômicas que os países tomaram na sua formação institucional, em seus processos de desenvolvimento. Observa-se que a participação em atividades de maior agregação de valor estariam ainda concentradas em países desenvolvidos.

Diante das modificações na produção e comercialização de produtos geradas pela globalização econômica, este trabalho busca contrapor os conceitos utilizados nos modelos tradicionais de análise do agronegócio, como o *commodity system approach*, a análise de *filière* e o conceito de sistema agroindustrial com o modelo de cadeias globais de valor. Busca-se discutir até que ponto o conceito de CGVs pode ser utilizado para explicar as relações de mercado internacionalizadas características do agronegócio atual.

1.1 Objetivo geral:

A pesquisa teve como objetivo geral determinar a utilidade da abordagem teórica de cadeias globais de valor para explicar a organização dos sistemas agroindustriais em face à globalização econômica, buscando compreender a atual inserção brasileira em redes produtivas internacionais do agronegócio.

1.2 Objetivos específicos:

- 1) Por meio de análise da literatura, explicar as diferenças entre o modelo de cadeias globais de valor e as principais escolas teóricas tradicionalmente usadas para a gestão do agronegócio;
- 2) Com base em dados primários estatísticos da OCDE, analisar a participação brasileira em CGVs do agronegócio.

1.3 Metodologia

A metodologia utilizada no trabalho baseou-se na pesquisa bibliográfica e análise de dados estatísticos referentes ao comércio internacional de produtos do agronegócio. Bases estatísticas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento foram utilizados para obtenção dos números referentes a trocas internacionais segundo a metodologia tradicional de mensuração do comércio em termos brutos.

O estudo utiliza também bases estatísticas da OCDE que apresentam uma nova metodologia de mensuração do comércio internacional que computa somente o valor agregado em cada país sobre o produto exportado, no contexto de cadeias globais de valor. A análise estatística sobre a inserção do Brasil em cadeias globais de valor teve como foco setores ligados ao agronegócio, dentre eles agricultura, produtos alimentícios, madeira e papel.

2. Revisão de literatura

Frente às diversas mudanças nas quais passou a agricultura no mundo, vimos que ela foi o primeiro marco na concepção da atual organização social. Evoluindo-se as formas de plantio, tecnologias de produção, tratamentos culturais e demandas por alimentos, o processo da agricultura não se posiciona mais de maneira tão simples. Surgem assim outros conceitos mais amplos para explicar seu funcionamento e suas interações com os mercados.

É importante fazer uma distinção entre agricultura e agronegócio. Agricultura pode ser caracterizada como as atividades que se encontram dentro da porteira. Agribusiness é definido por Davis e Goldberg (1957) como “a soma total das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas; das operações de produção na fazenda; do armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles”. Esse conceito emerge de uma teoria chamada *Commodity System Approach (CSA)*. Uma commodity é produzida em larga escala, tendo sua cotação e comercialização feita a nível internacional. São uniformes e podem ser estocadas por um determinado período de tempo sem perda da qualidade do produto.

Essa abordagem, a nível teórico, foi a primeira a tratar o agronegócio como ciência formal e ao mesmo tempo integrar em sua concepção o conceito de sistema e como suas inter-relações podem interferir no desempenho de uma cadeia produtiva. Contemporâneo a esses autores, surge a escola francesa com a *analyse de filière*, que

tem um mesmo modelo de interpretação, mas com escopos que não se limitam às commodities como ponto de partida de suas análises. Desde a publicação do trabalho seminal de Davis e Goldberg tem sido impossível compreender as teias de relações que moldam o agribusiness sem considerar as diversas forças inter-atuantes que compõem a cadeia produtiva de determinada commodity ou produto, suas relações de complementariedade, representação de diversos interesses, etc.

O intuito desta revisão de literatura seria fazer uma comparação entre as abrangências de interpretação das teorias ou modelos teóricos do agronegócio com a interpretação das cadeias globais de valor, que tem premissas muito semelhantes a alguns modelos de interpretação agrícola. Existem distinções entre vários tipos de sistemas agroindustriais, que são CSA, Filière e SAI, como discutiremos a seguir.

2.1 Commodity system approach

O conceito de Agribusiness emergiu de uma teoria chamada *commodity system approach* (CSA) para compreender a estrutura de sistemas de produção de commodities nos EUA, a exemplo: soja, laranja e trigo. O cerne desta teoria é que a análise partia de uma matéria-prima específica que com os diversos desdobramentos industriais iria ter como resultado, diversos outros produtos. Em resumo, este conceito discorre sobre as diversas modificações com as quais passa a commodity até chegar ao consumidor final. A visão sistêmica é intrínseca a natureza desta teoria. O CSA tem como estrutura de análise:

- Lucratividade obtida;
- Padrão de estabilidade de preços;
- Estratégias empresariais;
- Formas de adaptação dos agentes envolvidos.

Além disso no CSA, os contratos são apontados como mecanismos de governança. Ou seja, os preços sozinhos não são capazes de explicar a governança do CSA. (BATALHA, 2001)

Em questão de referencial teórico, o CSA se mostra uma das mais importantes historicamente, por considerar conceitos sistêmicos na interpretação de realidades agrícolas e suas relações com fornecedores e indústria.

2.2 Analise de *Filière*

Segundo Zylbersztajn (1995), Morvan define o conceito de *filière* como:

“Cadeia (*filière*) é uma seqüência de operações que conduzem à produção de bens. Sua articulação é amplamente influenciada pela fronteira de possibilidades ditadas pela tecnologia e é definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização de seus lucros. As relações entre os agentes são de interdependência ou complementaridade e são determinadas por forças hierárquicas. Em diferentes níveis de análise a cadeia é um sistema, mais ou menos capaz de assegurar sua própria transformação.”

O conceito de *filière* vem da escola de economia industrial e pode ser entendido como uma maneira de se compreender o agronegócio, pois enfatiza uma sucessão de operações para a produção. Considera-se elementos à montante e à jusante, podendo-se distinguir, de modo geral, três grandes componentes do conceito de *filière* (BATALHA, 2001):

- comercialização;
- industrialização;
- produção de matérias-primas.

2.3 Sistema agroindustrial

Sistema agroindustrial é a metodologia de pesquisa que compreende as dinâmicas de fornecimento de insumos para empresas, produção, comercialização e beneficiamento de produtos agrícolas. É composto principalmente por seis atores:

1. Agricultura, pecuária e pesca;
2. Indústrias agroalimentares (IAA);
3. Distribuição agrícola e alimentar;
4. Comércio internacional;
5. Consumidor;
6. Indústrias e serviços de apoio.

O conceito de sistema agroindustrial vem dos estudos de economia agroalimentar e é muito parecido com o de agribusiness desenvolvido por Davis e Goldberg.

Considera desde o produtor de insumos até a chegada do produto final. Além disso essa abordagem não considera nenhuma matéria-prima específica. Aqui se faz duas importantes distinções. A diferença dos conceitos de complexo agroindustrial e cadeia de produção agroindustrial. Complexo agroindustrial se refere a descrições que tenham como ponto de partida determinada matéria-prima. Cadeia de produção agroindustrial tem como foco de análise o produto final resultante da soma de interações entre os diversos atores da cadeia produtiva (BATALHA, 2001).

2.4 Cadeias globais de valor

Pela intensificação da globalização e do comércio internacional, se faz necessária também formas globais de se compreender as estruturas de mercado no agronegócio contemporâneo. Uma abordagem teórica que envolve os conceitos de globalização, agregação de valor e ainda faz referência a estrutura das economias dos países e suas potencialidades de mercado são as “cadeias globais de valor” (CGV). O conceito de CGV tem sido usado para sintetizar o conjunto de atividades que empresas e trabalhadores desenvolvem desde a concepção de um produto até seu uso final, incluindo também os serviços de pós-venda (GEREFFI e FERNANDEZ-STARK, 2011). Além dessa definição, considera-se a dispersão geográfica dos atores e a agregação de valor decorrente dos processos industriais.

De acordo com (Araujo, 2010) agregação de valor significa a elevação de preços de um produto em decorrência de alguma alteração em sua forma ou sua apresentação, tanto do produto *in natura* quanto do produto agroindustrializado, dentro de cada nível da produção, da agroindustrialização e da comercialização, sendo uma consequência de custos de produção/transformação e lucros, do que podemos concluir que a agregação de valor está ligada à sofisticação do produto e de sua apresentação.

Uma cadeia global de valor envolve várias atividades, com as quais as firmas estão engajadas, desde a criação de um produto ao seu uso final. A atual economia global pode ser descrita pelo crescimento interconectado das economias, já que as atividades para a manufatura dos produtos/oferta de serviços encontram-se necessariamente dispersas entre os países. Isso ocorre porque as empresas que compõem o cenário internacional são especializadas e cada país necessariamente tem suas funções de negócios. Outra característica que compõe a descrição de cadeias globais de valor é

que em muitos casos os fornecedores e compradores estão inseridos em redes mundiais de negócios.

É importante conhecer quais são as emergências das cadeias globais de valor para as políticas de troca entre Estados-nação. O comércio internacional contemporâneo tem estruturas e potencialidades muito diferentes de tempos antes da globalização. Com a globalização, várias foram as mudanças ocorridas no cenário mundial e as formas que os países e empresas têm para fazer seus negócios.

Um fato interessante sobre CGVs é que ela é uma estrutura de mercado que torna as firmas mais eficientes se beneficiando de economias de escala e escopo. Isso se dá pelo fato de economias de escala e escopo oferecerem produtos padronizados e com baixo valor agregado se localizando à montante na cadeia global de valor. Economias participam das CGVs de acordo com seu tamanho e abertura. São estruturas de mercado que podem oferecer acessos a mercados estrangeiros e conseqüentemente acesso a conhecimento. Várias são as empresas que participam de CGVs, sendo pequenas, médias ou multinacionais. Pequenas firmas se inserem em CGVs contribuindo para exportações de empresas multinacionais.

Em alguns casos existe retorno do valor agregado a países de origem. Grandes economias, exportadores de recursos naturais, têm pouco valor agregado em suas exportações, mas contribuem de forma substancial para o desenvolvimento à montante da cadeia global de valor. Segundo estudos da OCDE (2013), nota-se que cadeias globais de valor têm uma tendência a emergir em economias com caráter mais liberalizante que outras. O Brasil tem uma economia relativamente fechada, por ser um grande produtor de bens primários e produzir grande parte das suas demandas internas.

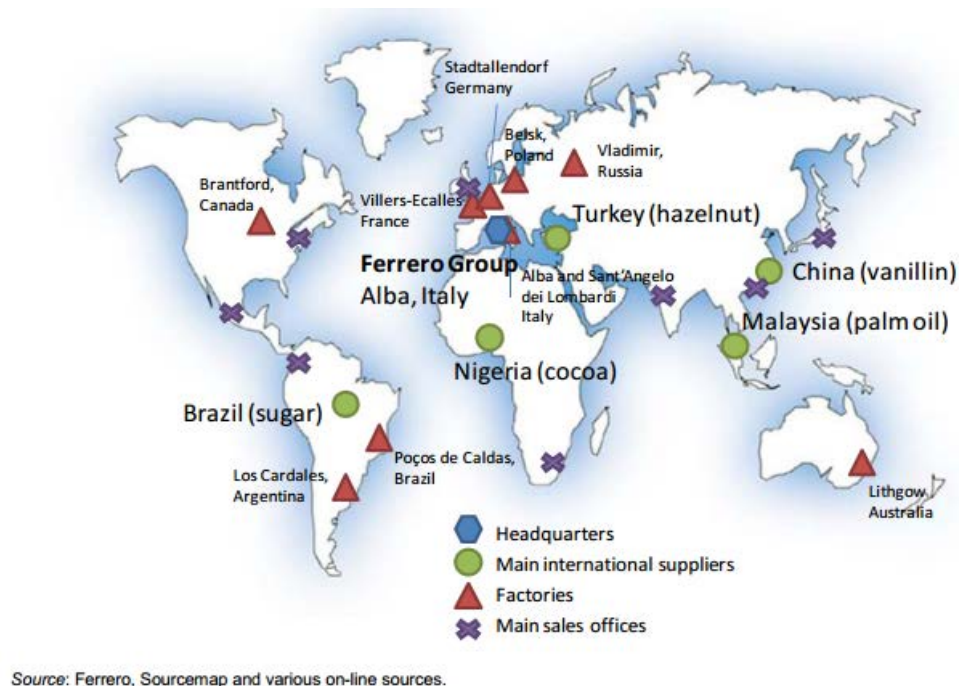
É impossível desassociar o conceito de cadeia global de valor com a globalização. Engajamento em CGVs contribui para a produtividade, pois tem-se a especialização produtiva de forma mais sofisticada. Por ser um mercado diferente dos nacionais, têm-se mais exigências para que o produto insira-se em mercados internacionais, que contam com barreiras de comércio. Assim as certificações garantem inserção dos produtos em outros tipos de mercado e são consideradas formas de agregação de valor, pois alçam produtos a mercados antes inexplorados.

Nota-se que esta abordagem possui uma definição muito similar à de cadeia produtiva, com algumas ligeiras diferenças. O conceito de cadeia global de valor é

utilizado para se compreender a manufatura de produtos ou oferta de serviços quando seus elos estão localizados em diferentes partes do globo e traz intrínseco em sua definição, como forma de valorização dos produtos, a agregação de valor.

Um exemplo de cadeia global de valor no agronegócio pode ser observado no estudo de caso da Nutella, que possui uma produção globalmente dispersa. A Figura 1 mostra a dispersão geográfica dos atores para a produção de Nutella. Representa a cadeia global de valor do produto Nutella vendido em 75 países, sendo produzidas cerca de 250 mil toneladas por ano do produto. Nota-se a maneira com que a globalização se faz presente nesta estrutura produtiva fragmentada e dispersa globalmente.

Figura 1: Dispersão geográfica dos atores para a produção de Nutella.



Fonte: OCDE, 2012

Por fim, as cadeias globais de valor podem ser vistas por duas óticas. a) os produtos finais resultantes dos diversos processos de agregação de valor ao longo de sua cadeia; b) sua estrutura para o alcance de seus objetivos e quais são as condições que ela tem para se desenvolver. Com base na ótica dos produtos, observa-se que, para

economias mais liberalizadas, que contam com infra-estruturas desenvolvidas e maior fluxo de trocas entre os países, há uma melhor condição para que cadeias globais de valor se desenvolvam. Pela ótica da estrutura, principalmente no ramo do agronegócio, no qual é incontestável a posição líder do Brasil em produção de commodities, vemos que pelas características da oferta, produção em escala, e dos produtos de baixo valor agregado, não se tem como grande potencial a agregação de valor, pelo menos não no Brasil.

Talvez em outros países ocorram processos mais sofisticados de agregação de valor às commodities produzidas no Brasil. Assim tem-se que, para a análise de cadeias globais de valor em produtos do agronegócio, o Brasil encontra-se em posição à montante da cadeia global de valor, pois se encarrega de ser um forte exportador de insumos agrícolas. À jusante, tem-se o resultado de processos com maior valor agregado a esses produtos.

2.5 Competitividade e cadeias globais de valor

Em um cenário produtivo composto por CGV, a competitividade torna-se essencial para promover uma melhor inserção do país no comércio internacional. Emerge assim o conceito de competitividade, que pode ser entendido como a capacidade que empresas ou países têm de oferecer seus produtos e/ou serviços expandindo sua oferta a mercados concorrentes, suas condições de infra-estrutura, com o intuito de facilitar as relações de troca, juntamente com fluxos eficientes de informação entre os diversos elos da cadeia produtiva. O agronegócio, que por ser uma área que recebe muitos investimentos, terá com o passar do tempo, a tendência de aperfeiçoar seu processo de industrialização, que por incentivos governamentais direcionados à seu setor e à indústria, trará como benesse o desenvolvimento de novas possibilidades de mercado através da agregação de valor.

É pertinente fazer a comparação entre competitividade de firmas e competitividade de sistemas agroindustriais, pois é possível didaticamente inferir que a definição de cadeias globais de valor passa pela definição de cadeia produtiva, mas com conceitos que trazem a agregação de valor e a dispersão geográfica dos inseridos nas CGVs.

Segundo FARINA e ZYLBERSZTAJN (1998):

“Do ponto de vista das teorias de concorrência, a competitividade pode ser definida como a capacidade de sobreviver e, de preferência, crescer em mercados correntes ou novos mercados. Decorre dessa definição que a competitividade é uma medida de desempenho das firmas individuais. No entanto, esse desempenho depende de relações sistêmicas, já que as estratégias empresariais podem ser obstadas por gargalos de coordenação vertical ou de logística. Michael Porter identifica como um dos elementos-chave das vantagens competitivas, a presença de fornecedores e distribuidores internacionalmente competitivos, explicitando as relações verticais de dependência que são subliminares ao desempenho positivo das firmas”.

Assim, a noção de competitividade, está intimamente ligada à noção de governança, que representa a coordenação estabelecida para que um sistema agroindustrial mantenha-se alinhado e desenvolva seus potenciais agrícolas e industriais. Da mesma forma acontece com as economias dos países, que necessitam de políticas para seu desenvolvimento perante outros aspectos que tangem seus mercados, como o comércio internacional, que é o cenário no qual está inserido o tema chave deste trabalho: cadeias globais de valor.

Faz-se necessário algumas divisões para se entender a dinâmica de cadeias globais de valor. Algumas avaliações são feitas à nível de escopo, considerando o produto resultante dos processos de agregação de valor das interações inter-firmas, outras tem como finalidade a compreensão de suas estruturas, e quais são as emergências no contexto institucional dos países e suas potencialidades para que as cadeias globais de valor se desenvolvam de forma plena.

3. Análise do comércio exterior do agronegócio brasileiro e sua inserção em cadeias globais de valor

Com o intuito de atingir o segundo objetivo específico da pesquisa, ou seja, analisar a participação brasileira em cadeias globais de valor do agronegócio, esta seção faz uma breve reflexão sobre o atual panorama do comércio exterior do agronegócio brasileiro segundo a metodologia tradicional de mensuração do comércio internacional. Em seguida, é realizada uma análise sobre a inserção brasileira em cadeias globais de valor do agronegócio com base em estatísticas da OCDE que mensuram o comércio

internacional segundo a agregação de valor em cada país e não conforme o valor final do produto exportado.

3.1 Panorama do comércio exterior do agronegócio brasileiro

É clara a tendência do agronegócio em se especializar consolidando suas indústrias e agregando valor a seus produtos com o intuito de se inserir em novos mercados. O agronegócio brasileiro, por estar inserido em uma economia global e competitiva, é responsável por cerca de 23% do PIB brasileiro. Com seu comércio internacional, criou laços entre países que são nítidos e evidentes. É um dos maiores produtores de commodities e conta com um mercado internacional consolidado que faz com que os destinos das exportações brasileiras sejam diversificados. Atento a isso, existem várias tendências globais que moldam a maneira com a qual se pensa as formas de se planejar o agronegócio. Alguns exemplos delas são: crescimento e envelhecimento populacional, crescimento da economia mundial, mudança de hábitos alimentares, crescente urbanização, maior consciência ambiental e escassez de recursos, combinado com uma postura de consumidores cada vez mais exigentes e ainda com políticas protecionistas de outros países como barreiras não tarifárias de caráter econômico, social e ambiental, que faz com que os inseridos nestes mercados, tenham de oferecer garantias de qualidade, por meio de certificações que comprovem a qualidade dos produtos.

De acordo com uma publicação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2013), referente à informes de mercado, o Brasil possui trinta principais parceiros comerciais que são: África do Sul, Angola, Arábia Saudita, Argélia, Argentina, Bangladesh, Canadá, Chile, China, Colômbia, Coreia do Sul, Egito, Emirados Árabes Unidos, Estados Unidos da América, Hong Kong, Índia, Indonésia, Irã, Japão, Malásia, Marrocos, Nigéria, Rússia, Tailândia, Taiwan, Turquia, Ucrânia, União Européia, Venezuela e Vietnã.

Segundo estatísticas do Ministério da Agricultura (MAPA 2013), em 2002, o Brasil possuía um market share de 1,2% no comércio mundial, transcorridos onze anos, a participação chegou a 1,6%. Assim, a participação brasileira no comércio mundial de produtos agrícolas alcançou a margem de 7,6%. As exportações agrícolas brasileiras tiveram um forte crescimento entre 2002 e 2012, passando de US\$ 17,4 bilhões em

2002 até atingir US\$ 83,4 bilhões em 2012. Em 2012, as exportações agrícolas brasileiras tiveram a cifra recorde de US\$ 83,41 bilhões, valor 2,0% acima do alcançado em 2011 (US\$ 81,80 bilhões) e 31,0% superior ao exportado em 2010 (US\$ 63,76 bilhões).

O principal setor exportador agrícola brasileiro foi o complexo soja, com vendas de US\$ 26,11 bilhões e participação de 31,3% no total das exportações agrícolas brasileiras de 2012. O segundo maior setor agrícola brasileiro em vendas foi o setor de carnes, com US\$ 15,74 bilhões. Outros setores que se destacaram quanto ao valor exportado, nesse período de análise, foram complexo sucroalcooleiro, com US\$ 15,05 bilhões, cereais, farinhas e preparações, com US\$ 6,67 bilhões, café, com US\$ 6,46 bilhões; e fumo e seus produtos, com vendas de US\$ 3,26 bilhões.

Com relação às exportações por mercado, As exportações para o grupo de países em desenvolvimento tiveram melhor desempenho e, no período de 2006 a 2012, cresceram 188,3% ou à taxa média de 19,3% ao ano. Ainda, a participação deste grupo de países no total das exportações agrícolas nacionais foi de 63,4% em 2012. Há de se destacar o desempenho da China que, em 2012, obteve a segunda maior participação nas exportações nacionais, logo depois da União Européia, com uma taxa de 19,3%.

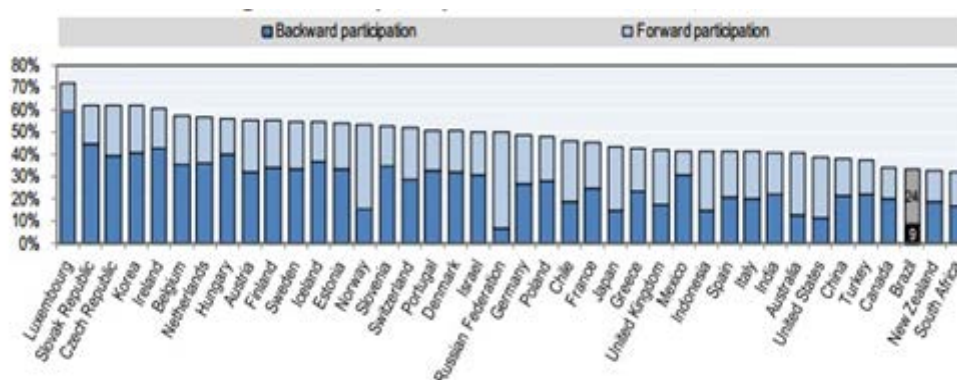
3.2 Inserção do Brasil em cadeias globais de valor

De acordo com estudos da OCDE (2013), o Brasil tem um posicionamento não privilegiado em cadeias globais de valor quando o quesito é a agregação de valor, sendo classificado no ranking como uma das economias com menor valor agregado do exterior em suas exportações. Por outro lado, nota-se que o Brasil, contribui muito para que outras economias adicionem valor agregado aos insumos, alavancando os indicadores de integração na CGVs, se posicionando em segundo no ranking. À montante o Brasil está bem localizado em cadeias globais de valor, consequência de excelentes condições climáticas, riqueza de recursos naturais e vastidão de território juntamente com o desenvolvimento dos negócios de empresas multinacionais no agronegócio brasileiro que procuram essas qualidades para poderem desenvolver seus mercados. À jusante sua posição é frágil, características estas que retratam o tardio processo de industrialização combinado com um caráter de economia relativamente fechada e por ser um grande produtor de insumos e bens intermediários.

Apresentamos a seguir, as porcentagens dos gráficos no estudo de caso do Brasil realizado pela OCDE (2013) e comentários subjacentes à respeito do tema cadeias globais de valor, baseados em uma nova metodologia estatística de mensuração do comércio internacional por meio da agregação de valor.

O Gráfico 1 mostra uma comparação entre países e suas respectivas participações em cadeias globais de valor. Vemos que a participação do Brasil é considerada baixa na comparação internacional, sendo que apenas cerca de 33% das exportações brasileiras são parte de cadeias globais de valor.

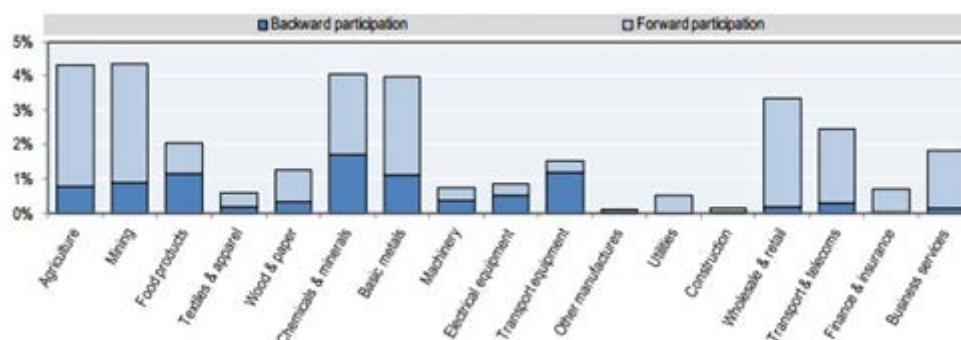
Gráfico 1: Participação comparada de países em CGV, 2009



Fonte: OCDE, 2013

O Gráfico 2 faz comparações entre categorias industriais do país e classifica se suas contribuições estão localizadas à montante ou à jusante na cadeia global de valor. Por ser um grande produtor de insumos, o Brasil se destaca mais no setor agricultura em comparação a outras categorias ligadas ao agronegócio, como produtos alimentícios (*food products*) e madeira e papel (*Wood and paper*).

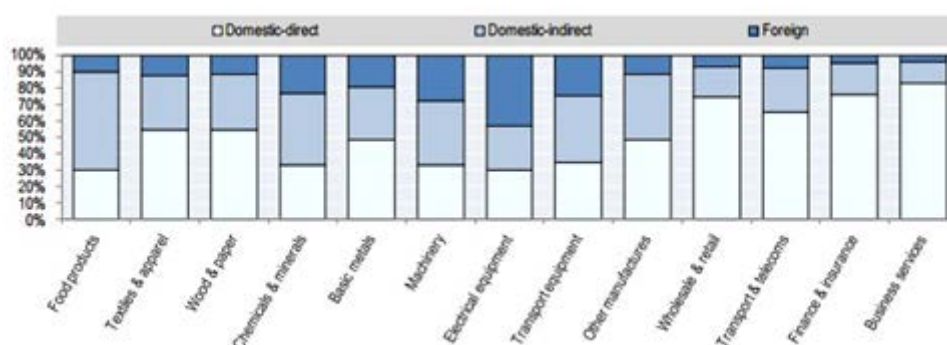
Gráfico 2: Participação comparada em CGVs por indústria, 2009



Fonte: OCDE 2013

Observando o Gráfico 3 pode-se inferir que grande parte da demanda final para produtos no Brasil, ou seja, vendas no mercado doméstico brasileiro, são supridas por valor agregado nacionalmente. De forma geral, em 2009 a participação de valor agregado internacionalmente representava em média apenas 13% do valor agregado total em produtos para consumo doméstico. Essa tendência de baixa participação de importados pode ser vista em grande parte dos setores, incluindo produtos alimentares e madeira e papel. O setor de maior participação de valor agregado estrangeiro seria o de equipamentos elétricos.

Gráfico 3: Valor agregado nacional e estrangeiro na demanda final por produtos, 2009

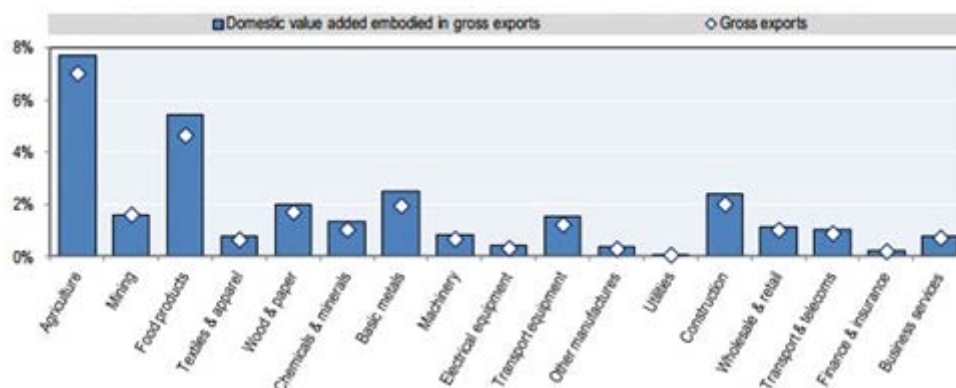


Fonte: OCDE 2013

Não há muita diferença entre a participação das exportações brasileiras no comércio internacional segundo as estatísticas tradicionais de comércio ou a nova metodologia de mensuração de comércio em valor agregado. Observa-se nos gráficos 4 e 5 que a participação bruta do Brasil no comércio total em 2009 era de 1,3%, enquanto a participação em termos de valor agregado era de 1,5%. Com relação aos setores

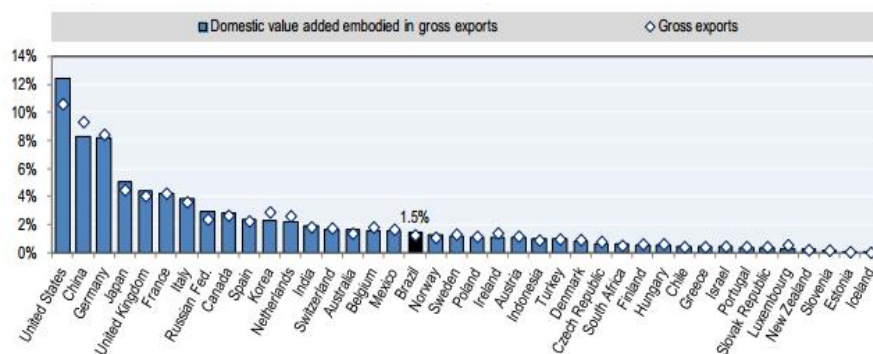
analisados, agricultura, produtos alimentícios e metais básicos são os que apresentaram maior diferença entre as duas metodologias utilizadas, apresentando maior participação em termos de exportação por valor agregado do que exportações segundo os valores brutos do produto transacionado.

Gráfico 4: Parcelas de exportação por indústria, valor bruto e agregado



Fonte: OCDE 2013

Gráfico 5: Participação nas exportações, por países, valor bruto e agregado, 2009.



Fonte: OCDE, 2013.

Estas estatísticas aqui representadas correspondem a uma tentativa preliminar de análise e interpretação da participação brasileira em cadeias globais de valor do agronegócio. Pesquisas futuras são necessárias para um maior detalhamento e uma análise mais sofisticada desta participação

4. Conclusões

Conclui-se que cadeias globais de valor são estruturas produtivas que emergem no cenário contemporâneo da globalização e são caracterizadas por relações de coordenação e governança entre diversas atividades fragmentadas e geograficamente dispersas ao redor do globo, que vão desde a concepção de um produto, até serviços de pós-venda prestados ao consumidor final. Importante também no conceito é o entendimento da agregação de valor, que pode ocorrer não só por meio de uma mudança física no produto, mas também pelo provimento ou acoplamento de serviços relacionados ao produto. Podemos citar como exemplos de agregação de valor sob a ótica das cadeias globais de valor garantias de procedência na produção e atendimento a requisitos de qualidade, da mesma maneira que empresas de maquinário agrícola prestam serviços de assistência técnica à plantadeiras e colhedoras na lavoura.

Vimos ao longo da pesquisa que os modelos que hoje compõem o arcabouço teórico da ciência agronegócio é composto por três explicações centrais: *commodity system approach*, análise de filière e sistemas agroindustriais. O *commodity system approach* (CSA) desenvolvido nos Estados Unidos, na década de sessenta tinha como premissas o enfoque de uma matéria-prima específica, estrutura de explicação com base nos conceitos de teoria sistêmica, além é claro das matérias-primas serem commodities.

O conceito de Filière desenvolve-se na França paralelamente ao de CSA, propondo um encadeamento de processos para a produção. Tem como premissas a teoria sistêmica e sua estrutura têm influências da economia industrial. Em terceiro lugar, considerada a metodologia mais usada nos estudos atuais sobre agronegócio, os sistemas agroindustriais são sequências de operações que descrevem a produção de um produto por vistas de vários atores inseridos nos sistemas agroindustriais. Tem como premissas estudos específicos sobre a estrutura do agronegócio, descrição de processos, conhecimento da atual condição dos setores agrícolas e o que é produzido. Analisa também quais são as condições de produção e mercado, além de contemplar a visão do Estado como regulador de muitos processos de concretização de infra-estrutura e melhoria das condições para que os produtos cheguem aos consumidores.

A pesquisa argumenta que o conceito de cadeias globais de valor representaria uma evolução das formas de análise de cadeias produtivas, por incorporar a idéia de agregação de valor também por meio de serviços acoplados ao produto. Apesar de ter

sido conceitualmente desenvolvida para explicar a realidade da produção globalizada, particularmente em setores industriais, acredita-se que seu arcabouço analítico possui alto poder explicativo para compreender também as relações contratuais e de governança existentes entre varejistas internacionais e produtores do agronegócio, assim como as relações globalizadas na produção de produtos alimentícios, como vimos no caso da Nutella. Desta forma, o arcabouço teórico da ciência do agronegócio teria a ganhar em sofisticação ao incorporar o modelo de análise de cadeias globais de valor.

Pela análise das estatísticas de comércio em valor agregado conclui-se que o Brasil encontra-se pouco inserido em cadeias globais de valor, mesmo em cadeias relacionadas ao agronegócio. Grande parte da demanda final para produtos no Brasil, ou seja, vendas no mercado doméstico brasileiro, são supridas por valor agregado nacionalmente. Observou-se também que, por ser um grande produtor de insumos, na análise comparada da participação em CGVs por setores industriais, o Brasil tem uma participação um pouco maior no setor de agricultura em comparação a outras categorias ligadas ao agronegócio, como produtos alimentícios e madeira e papel.

Ressalta-se, por fim, que o trabalho realizou uma tentativa preliminar de análise e interpretação da participação brasileira em cadeias globais de valor do agronegócio. Pesquisas futuras são necessárias para um maior detalhamento e uma análise mais sofisticada desta participação.

Bibliografia

ARAÚJO, MASSILON J. **Fundamentos de Agronegócio**. 3ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010.

BATALHA, M. O. **Gestão Agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 2001.

DAVIS, J.; GOLDBERG, R. **A concept of agribusiness**. Harvard University Press, 1957.

FARINA, E. M. M. Q.; ZYLBERSZTAJN, D. (coordenação) **Competitividade no agronegócio brasileiro, vol. 1, 2, 3, 4, 5, e 6.**, 1998.

GEREFFI, G.; “International Trade and Industrial Upgrading in the Apparel Commodity Chain”. **Journal of International Economics**, vol. 48 no. 1, p. 37-70, June, 1999.

GEREFFI, G.; FERNANDEZ-STARK, K. **Global Value Chain Analysis: A Primer**. Center on Globalization, Governance and Competitiveness, 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MAPA **Intercâmbio agrícola, principais destinos**, 2013.

Organização para Cooperação e Desenvolvimento (OCDE). **Global Value Chains (GVCs): Brazil**, 2013.

_____. **Mapping global value chains**, 4-5 December, 2012.

OLIVEIRA, S. E. M. C. **Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional: uma análise comparada das estratégias de inserção de Brasil e Canadá**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Brasília para obtenção do título de Doutora em Relações Internacionais, 2014.

ZYLBERSZTAJN, D. **Conceitos Gerais, Evolução e Apresentação do Sistema Agroindustrial. Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares: Indústria de Alimentos, Indústria de Insumos, Produção Agropecuária, Distribuição**. Zylbersztajn e Neves (Orgs.), São Paulo: Pioneira: Pensa/USP, 2000, p. 1-21.

_____. **Estruturas de Governança e Coordenação do Agribusiness:
Uma Aplicação da Nova Economia das Instituições.** Tese submetida ao Departamento
de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da
Universidade de São Paulo, como parte dos requerimentos para a obtenção do Título de
Livre Docente.

